

humanitas

Vol. LIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



dades, mas também uma intertextualidade absoluta, pelas relações internas do próprio poema. E afirma ainda na p. 364: “La belleza no es significado. Es una belleza geométrica, formal, matemática. Puro *numerus*”.

Como registam em nota inicial os editores desta colectânea, não era seu propósito realizar um trabalho de síntese sobre uma área tão ampla como a da intertextualidade nas literaturas grega e latina. Entretanto, as diferentes e interessantes aplicações metodológicas da intertextualidade apresentadas ao longo do volume parecem corresponder ao objectivo inicialmente definido. Com abordagens mais abrangentes e outras mais específicas, este livro contempla uma variedade apreciável de autores, textos, épocas, susceptíveis de satisfazer diferente tipo de interesses, e revela-se um bom contributo para o estudo da temática proposta.

De sugerir, no entanto, quer a inclusão de índices que permitam consultar prontamente questões precisas, quer de uma síntese bibliográfica que reúna a informação dada em notas de rodapé e no final de alguns artigos.

Susana Marques Pereira

FERREIRA, Paulo Sérgio M.: *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado* (Lisboa e Coimbra, Edições Colibri, 2000) 163 p.

O trabalho de Paulo Sérgio FERREIRA agora publicado corresponde, em termos gerais, à investigação apresentada como dissertação de Mestrado, com supervisão de Walter de Medeiros, o qual, como ocorreu já com estudos pertencentes a outros orientandos seus, anuiu a escrever o “Preâmbulo” (pp. 9-11). Nessas palavras preliminares, recorda as linhas sempre envolventes do retrato de Petrónio facultado por Tácito, bem como a natureza multimoda e polifónica do *Satyricon*. Salienta, além disso e de forma inteiramente justa, o carácter sistemático e profundo com que FERREIRA procurou interpretar a presença dos elementos paródicos no *Satyricon*, seguindo a «rede finíssima de alusões que envolve toda a parte conservada do romance» (p. 11). É esta análise metódica e sustentada que faz com que o trabalho em causa leve mais longe a abordagem de um problema a que a crítica apenas tem respondido de forma pontual ou sem a preocupação de fornecer explicações internas e globalizantes, que permitam ultrapassar o simples catálogo de alusões e de passos paralelos, como em parte acontece com o estudo clássico sobre esta matéria, da responsabilidade de A. COLLIGNON, *Étude sur Pétrone. La critique littéraire, l'imitation et la parodie dans le “Satyricon”* (Paris, 1892).

Na “Introdução”, FERREIRA reflecte sobre as principais linhas do debate relativo à distinção, fundamental em termos programáticos, entre paródia e sátira, tanto à luz da teorização antiga, como da moderna. O Autor não adere totalmente a nenhum dos modelos enunciados, esclarecendo, em obediência a intuítos de ordem prática, que irá aproveitar de cada teoria o que de melhor esta lhe oferecer (pp. 26-27). Assim, a nível da macroestrutura, salienta que importa separar a paródia propriamente literária da que está ao serviço da sátira de instituições ou pessoas; quanto à paródia literária, dis-

tingue (com MADELENAT) entre paródia intragenérica e extragenérica, o que o leva a dedicar a primeira parte do trabalho à abordagem da paródia dos géneros narrativos, dramáticos e líricos. A segunda parte do estudo incidirá sobre a sátira paródica de instituições romanas, como a superstição, a justiça e a educação. Em termos de nomenclatura, utiliza tanto as propostas de lexicógrafos dos sécs. XVII e XVIII, como as de GENETTE ou ainda as dos autores greco-latinos, quando apresentam, de maneira mais funcional, os métodos paródicos (pp. 27-28). Esta opção tem a vantagem de permitir ao Autor aproveitar de cada elaboração teórica os elementos que melhor servem os seus objectivos contextuais. Contudo, a oscilação terminológica pode dificultar a apreensão, por parte do leitor, dos modelos que estiverem operacionais. Uma vez que FERREIRA não aderiu totalmente a nenhum paradigma existente, dadas as dificuldades em aplicá-lo por inteiro ao material que se propôs trabalhar, talvez pudesse ter encarado a hipótese de criar um quadro teórico mais pessoal, se bem que essa tarefa o obrigasse a alongar-se na respectiva fundamentação. Facilmente se compreende e aceita a escolha do Autor, mas não sem a lamentar um pouco, pois que o alargamento deste ensaio preliminar forneceria aos críticos da literatura um interessante campo de reflexão.

A paródia de textos literários ocupa a parte central do estudo (pp. 31-116), com especial incidência no romance grego de amor e na epopeia, pois a transcontextualização de alguns dos seus tópicos serve de suporte a toda a trama narrativa do *Satyricon*. Conforme salienta FERREIRA (p. 31), «tão entrelaçadas se encontram as paródias da épica e do romance sentimental, que é apenas por uma questão metodológica que as apresentarei separadas». O Autor começa pela paródia intragenérica, cujo antímodo é o romance sentimental. Neste subcapítulo, que é iniciado pela discussão breve, mas bastante útil, do enquadramento do *Satyricon* enquanto género, aduz-se um enorme caudal de obras, sendo muito válido o notável esforço de sistematização de pontos de contacto e a interpretação dos numerosos paralelos. Contudo e apesar de esta secção se centrar, em termos programáticos, na tradição do romance grego, a epopeia e a tragédia são um ponto de referência constante, realidade plenamente justificada, aliás, pelo facto de o romance sentimental grego acusar, de forma clara, o influxo desses géneros e, por conseguinte, ter de ser lido em conexão com eles. Por isso, ainda que seja obviamente defensável a opção de começar a abordagem pela paródia intragenérica, talvez não tivesse sido menos profícuo tê-la iniciado pela paródia da epopeia e da tragédia (antecipando, também aqui, a abordagem de Eurípides sobre a de Séneca).

No subcapítulo dedicado à paródia da epopeia, o Autor explora, em particular, as adaptações da epopeia que não se encontram entre os tópicos catalogados pelo romance sentimental, aplicando-as a um contexto diferente, ao serviço de uma intenção escarninha que reflecte a angústia sentida por Petrónio, ao comparar a decadência presente com a grandeza do passado. FERREIRA reconhece que esse processo de «transcontextualização pode, com efeito, fazer-se de três feições distintas: a alusão directa a passos e acontecimentos; a citação textual de determinados versos dos originais; e a evocação, através de semelhanças de vocábulos e de motivos» (p. 52). Esta

forma de paródia não implica desrespeito pelo modelo de referência. Os autores mais referidos são Homero (*Odisseia*) e Virgílio (*Eneida*) e, entre as personagens mais populares, encontram-se Ulisses, o Ciclope e Eneias. A *Farsália* de Lucano também colhe alguma atenção, sobretudo no poema recitado por Eumolpo (o *Bellum ciuile*) e na problemática da teorização poética feita no capítulo 118 do *Satyricon*. Ainda que, por vezes, a proximidade com o autor parodiado possa parecer um tanto excessiva, sobretudo na citação textual ou na alusão, o estudo revela-se muito pertinente e baseia-se numa argumentação bem conduzida.

FERREIRA faz também um cotejo revelador e exaustivo com passos das *Epistulae morales* e tratados de Séneca. Defende, em substância, que a crítica de Petrónio visa apenas Séneca (e não o estoicismo como doutrina), por apregoar uma coisa e fazer outra na existência diária. Ao discutir o problema de as diferenças entre Séneca e Petrónio se justificarem pelo facto de um ser estóico e o outro epicurista (p. 96), o Autor sustenta a ideia de que Petrónio é um epicurista pouco coerente, na medida em que, através do romance, revela um constante «sentimento de angústia», provocado pela decadência do mundo em que vive. Concordamos em que a “vocação epicurista” de Petrónio é mais indiciada do que defendida de forma programática e também que a crítica social e até a moralidade estarão presentes, mas falar de «sentimento de angústia» a respeito do universo petroniano parece-nos uma posição talvez demasiado forte.

No subcapítulo dedicado a outras paródias literárias, o Autor retoma o poema sobre a *Troiae halosis*, que interpreta como fruto das influências da pintura, da épica e da tragédia (pp. 98-99). É particularmente visível a relação com a tragédia de Séneca, não porque seja ele o alvo preferencial da crítica, mas por constituir o representante mais conhecido do estilo asiático, cultivado pelos tragediógrafos seus contemporâneos. Já relativamente a Eurípides, FERREIRA sustenta que não é tanto o estilo que Petrónio parodia, mas antes a estrutura e os valores subjacentes a diversas cenas. É certo que o modelo euripídico se tornou muito influente, mas, pese embora a pertinência relativa dos paralelos evocados, fica por vezes a sensação de que a derivação de Eurípides é um tanto forçada. De facto, talvez não haja necessidade de ver um influxo directo do trágico grego nos exemplos dados, mas antes a paródia a uma herança cultural comum e de alcance mais lato, seja da imagem do Ulisses homérico seja das aventuras ligadas ao ciclo tebano. Já no que se refere à paródia dos temas líricos, revela-se muito curiosa a exploração da influência da literatura galante na tessitura do *Satyricon*. Em particular no episódio de Circe e Polieno, abundam as reminiscências de vocábulos e de motivos presentes na obra de um dos maiores cultores daquele tipo de literatura: Ovídio.

A segunda parte do trabalho de FERREIRA incide sobre a paródia de estruturas codificadas não literárias (pp. 117-138). O estudo começa pela paródia da superstição, área geralmente tratada em bloco, mas que é organizada, com vantagem, em diferentes sectores, ainda que se relacionem entre si. Segundo o Autor, cuja perspectiva partilhámos, a paródia situa-se sobretudo em três domínios (p. 117): «a credence de determinadas pessoas, utilizada para esconder os seus verdadeiros sentimentos; a falta de honestidade dos agentes de culto; e o ritualismo vazio das suas práticas». Idéntica

operação é aplicada à paródia jurídica, onde os funcionários, a burocracia dos processos e a linguagem jurídica são vistos de maneira paródica pelos anti-heróis. Tal reacção está de acordo com um cenário onde as personagens assumem uma existência marginal e onde o individualismo ganha terreno face aos interesses colectivos. Com igual cuidado e pertinência se analisa, por fim, a paródia do sistema educativo, onde, como sintetiza FERREIRA, «Petrônio satiriza as principais instituições do seu tempo através de um diálogo de surdos onde os valores do passado, por elas representados, mais não são do que temas de retórica oca» (p. 138).

Na conclusão, o Autor procura reconstituir e sumariar o percurso feito ao longo do estudo, no sentido de esclarecer a natureza do *Satyricon*; valerá a pena recordar a síntese relativa à trama paródica do romance (p. 139): «reflecte-se, nomeadamente, na confluência, em determinados passos e episódios, de diversos antimodelos. Por isso, frequentemente retomámos alguns trechos do romance petroniano e analisámo-los em diferentes perspectivas. Pudemos, no entanto, verificar a predominância da matriz épica, que fornece temas, motivos e expressões, que Petrónio aproveita directamente, ou já filtrados por outros géneros, como a tragédia, a historiografia, a lírica mitológica, ou o próprio romance sentimental. Se a estes materiais juntarmos temas, motivos e linguagens do mimo, da comédia e da sátira, assim como a imitação burlesca do funcionamento de determinadas instituições, concluiremos que o *Satyricon* é um romance realista».

O estudo de FERREIRA encerra com a apresentação de uma bibliografia selecta, mas já bastante elucidativa do enorme caudal de estudos dedicados a Petrónio. A primeira parte é ocupada por edições de Petrónio (cujo critério de organização não é absolutamente claro), onde figuram os títulos mais autorizados, mas talvez fosse preferível apresentá-los sob a rubrica de “edições, traduções e comentários”, já que boa parte deles não cabe na designação de edições críticas. Particularmente útil e bem conseguido é o *Index locorum*, que o Autor prefere a um índice onomástico, assim dando preferência aos textos antigos, perspectiva que nos parece bem justificada, atendendo aos objectivos do estudo. O trabalho de FERREIRA vem tratar, de forma sistemática, uma área que, embora desperte bastante interesse nos críticos petronianos, não tem vindo a ser tratada com a profundidade e fundamentação que esta análise revela. Os estudiosos de romance latino e da literatura antiga em geral encontrarão nele, seguramente, variados motivos de interesse, seja pela riqueza das reflexões propostas, seja pelo constante cotejo com o legado da cultura clássica, ambos indícios claros, em última análise, da natureza polifónica do *Satyricon*. Interessa não esquecer — e o Autor não o esquece — que o *Satyricon* é toda esta trama de paródias e alusões, mas é sobretudo uma obra de arte genial, aberta a diferentes níveis de leitura e desfrute.

Delfim F. Leão